



*A Torre de Babel ou a Porra do Soriano,
seguido de O Casamento Simulado*

ESTE VOLUME BASEOU-SE NAS SEGUINTE EDIÇÕES:

- «*Pedro Soriano*, G. Junqueiro, Thyp.^a de José F. Ferreira, Lisboa, 1882» (informação da capa)
- «*O Casamento Simulado*, com a photographia de Maria Eugenia dos Santos, Preço 200 réis, Typographya C. Grillo, Rua do Norte, 104, 1886» (informação da capa)
Desconhece-se o autor de *O Casamento Simulado*.

Respeitou-se integralmente o texto e as imagens, apenas se actualizando a ortografia e alguma pontuação.

© 2011, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Torre de Babel ou A Porra do Soriano*
Autor: Guerra Junqueiro
Coordenador da colecção: António Ventura
Posfácio: António Ventura
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Novembro de 2011
isbn: 978-989-671-096-5
Depósito Legal n.º 335336/11

ÍNDICE

A TORRE DE BABEL
OU A PORRA DO SORIANO
8

O CASAMENTO SIMULADO

Prólogo 23
Carta do dr. João de Deus 27
Pavores 30

I – <i>A recém-nascida</i>	37
II – <i>Biografia de Maria Eugénia</i>	40
III – <i>Coração de víbora</i>	44
IV – <i>Aleivosias</i>	45
V – <i>Infanticídio ou aborto</i>	48
VI – <i>Denúncia</i>	49
VII – <i>As entrevistas nocturnas</i>	52
VIII – <i>A casa da travessa da Fábrica das Sedas</i>	54
IX – <i>Uma excursão à província</i>	56
X – <i>A mulher dissoluta</i>	58
XI – <i>Travam-se relações</i>	60
XII – <i>Uma capela no Rossio e ceia</i>	62
XIII – <i>Conhecimentos do Porto</i>	67
XIV – <i>Cenas no Entroncamento</i>	68
XV – <i>Depravação e cinismo</i>	70

XVI – <i>Predilecção pelos casados</i>	72
XVII – <i>Desatinos</i>	74
XVIII – <i>Causas da separação</i>	77
XIX – <i>Saída de Abrantes</i>	80
XX – <i>Em Lisboa</i>	82
XXI – <i>Averiguações e depoimentos</i>	84
XXII – <i>Descoberta de crimes</i>	86
XXIII – <i>Acontecimentos de Torres Novas e apreensão importante</i>	89
XXIV – <i>Exigência de confirmar por escrito uma declaração verdadeira</i>	92
XXV – <i>O tiro</i>	95
XXVI – <i>Participações às autoridades superiores e praxes fiscais</i>	100
XXVII – <i>Em que mãos está o jornalismo!</i>	105
XXVIII – <i>Pedro Soriano apresenta-se voluntariamente</i>	109
XXIX – <i>Remoção e resolução do tribunal superior</i>	111
XXX – <i>Recurso</i>	115
XXXI – <i>Acórdão da Relação e empate no Supremo Tribunal de Justiça</i>	127
XXXII – <i>Comunicado e carta de Viana do Castelo</i>	133
XXXIII – <i>Cartas do Porto e de Peniche</i>	136
XXXIV – <i>Porque Maria Eugénia foi expulsa do recolhimento. Mais infâmias da Bota grande</i>	143

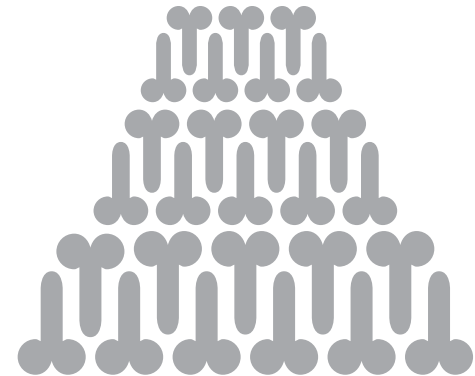
XXXV – <i>O militar indigno</i>	154
XXXVI – <i>Maldição</i>	159
XXXVII – <i>Sociedade dos Terríveis</i>	163
XXXVIII – <i>Como foi a prisão do José das Redes</i>	171
XXXIX – <i>O que a imprensa disse então</i>	176
XXXX – <i>Mentiras, desvergonha, fingimentos e falsidades</i>	188
XXXXI – <i>Demissões, anulação de processo e a opinião pública</i>	195

Posfácio
*Pedro Soriano,
ou a arte de viver com expedientes*
205



*A Torre de Babel
ou a Porra do Soriano*

POEMA DE GUERRA JUNQUEIRO



LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXI

Pedro Soriano foi o herói de um casamento simulado que houve em Lisboa. Tinha o membro viril desenvolvido. Uns amigos de Junqueiro encarregaram-se de lhe apresentar o Soriano porque, tendo contado a Junqueiro a enormidade do membro, ele dissera que exageravam. Junqueiro viu e exclamou:

«TAMANHO MEMBRO MERECE UM POEMA.»

Esse poema é o que se segue:

Eu canto do Soriano o singular mangalho!
Empresa colossal! Ciclópico trabalho!

Para o cantar inteiro e o cantar bem
precisava viver como Musalém.

Dez séculos!

Enfim, nesta pobreza métrica
cantemos essa porra, porra quilométrica,
donde pendem os colhões de que dão ideia vaga
as nádegas brutais do Arcebispo de Braga.



Posfácio

*Pedro Soriano,
ou a arte de viver com expedientes*

O poema «A Torre de Babel ou a Porra do Soriano» é bem conhecido. Foi, naturalmente, seleccionado por Natália Correia para integrar a sua benemérita *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, que tanta polémica causou*. O mesmo fez José Martins Garcia, na antologia que organizou em 1975 para as Edições Afrodite, de Fernando Ribeiro de Mello**. Também foi incluído na colecção *Contra Margem*, da editora & Etc., em 1979. A história daquele poema resume-se em poucas palavras. Uns amigos do autor de *A Velhice do Padre Eterno* quiseram apresentar-lhe Pedro Soriano, um dos mais famosos patifes dos muitos que povoavam a Lisboa do último quartel do século XIX, sublinhando o facto de ele ser possuidor de um membro viril descomunal.

* *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, selecção, prefácio e notas de Natália Correia, Lisboa, Afrodite [1966], pp. 344-346. Em 2000, uma nova edição foi publicada pelas editoras Antígona e Frenesi.

** *Poesia Portuguesa Erótica e Satírica Séculos XVIII – XIX*, selecção, prefácio e notas de José Martins Garcia, Lisboa, Afrodite, 1975, pp. 344-346.

O poeta mostrou-se incrédulo, mas, tirando as dúvidas pela observação directa, pasmou e terá exclamado que semelhante instrumento merecia ser cantado num poema. Assim fez, à mesa de um restaurante da capital, entre outros convivas, e na presença do homenageado. Nasceu assim «A Torre de Babel ou a Porra do Soriano», que alcançou de imediato um sucesso estrondoso. Note-se que Junqueiro nunca permitiu que o poema, fruto de um repentismo ditado por abundantes libações, fosse publicado, mas os amigos que o ouviram fixaram-no e depois surgiram várias edições clandestinas, quase todas com a data de 1882, passando a ser a obra mais rara e cobijada de Guerra Junqueiro. Bem se arrependeu o poeta da sua espontânea homenagem ao tratante! Durante 50 anos, empenhou-se em destruir dezenas de exemplares do folheto, que procurava persistentemente, chegando a trocá-los por livros seus autografados. Consta que o manuscrito original da *Pátria*, que se encontra na Biblioteca Pública do Porto, foi oferecido por ele em troca do manuscrito de *As Musas* – escrito de sua autoria, igualmente fescenino – que ali se encontrava, e de outros textos da mesma índole a ele atribuídos. Guilherme Vilar, pseudónimo de Alberto Moreira, publicou em 2 de Julho de 1953, no *Jornal de Notícias*, do Porto, um interessante artigo sobre este episódio, na secção «Perguntas com Resposta», revelando que Junqueiro não olhava a meios e a despesas para recuperar exemplares do malfadado

impresso. Como tivesse surgido um, à venda, no leilão da livraria de um escritor portuense, o poeta escreveu a um amigo pedindo-lhe que o adquirisse: «Se o exemplar anunciado ainda não foi a leilão, peço o obséquio de mandar adquirir por todo o preço guardando-mo aí até à minha chegada ao Porto. Esses versos são apenas indecências filhas de algumas horas (quem as não teve) de boémia e de embriaguez.»

Mas quem foi, afinal, esse Pedro Soriano?

Pedro Sebastião de Almeida Soriano nasceu em Santa Maria de Albufeira, comarca de Faro, em 1842, filho de Vicente José Soriano e de Francisca de Almeida Assis Soriano. Seguiu a vida militar, atingindo o posto de sargento. Licenciado da tropa, tornou-se famoso no Algarve por chefiar a «Sociedade dos Terríveis», um grupo de seis jovens que se entregavam às mais desvairadas tropelias, incluindo assaltos a cemitérios e arrombamento de jazigos, por entre patuscadas e bebedeiras incessantes. Foram mesmo acusados da morte de dois membros do grupo, Lorjó Tavares e José Gomes, o que nunca se conseguiu provar. Soriano, depois de ter deixado a vida militar, empregou-se nos Correios. Foi para Vila Real e depois obteve transferência para o Porto, onde começou a publicar a *Gazeta do Correio*, periódico destinado a defender os interesses da classe postal, por ele redigido e administrado, que se saiu regularmente entre Maio e Dezembro de 1869, num total de 30 números. Casou

com Joana Ribeiro e morava, em 1875, na Rua de Trás, sendo preso nesse mesmo ano, por delito de ofensas corporais; afiançado, saiu em liberdade. Foi julgado no Tribunal de Coimbra, em 15 de Março de 1876, e absolvido, tendo a mulher falecido durante o processo. Regressou então para o Algarve, como funcionário das alfândegas, e obteve o lugar de chefe do 3.º Corpo da Fiscalização Externa das Alfândegas, na sequência de mais uma das suas manigâncias. Tornou-se amigo do mais famoso contrabandista algarvio, o José das Redes, figura lendária em toda a região, para o traír e entregar à justiça, recebendo aquele lugar de chefia como recompensa. Em 1881, Pedro Soriano já morava em Lisboa, na Travessa da Espera, e protagonizou uma história rocambolesca envolvendo uma jovem, Maria Eugénia dos Santos, natural do Porto, que, com a mãe, Luísa Francisca, tinha ido de Viana para Lisboa em Março daquele ano. Pedro Soriano interessou-se por ela, assediou-a com insistência, mas, como ela era menor, tinha de aquietar a mãe. A única possibilidade de ter êxito era através de um enlace oficial, isto é, casando ou simulando casar com ela. Resolveu então encenar uma cerimónia matrimonial. O plano tomou corpo à mesa da casa de pasto «Irmãos Unidos», gizado por Soriano, pelo dono da casa, Florêncio Abril, e um grupo de amigos. Precisava de uma capela para servir de cenário, e pediu ao marquês de Angeja que lhe cedesse por uma noite a que possuía no seu palácio, mas o

aristocrata, embora amigo do energúmeno, recusou sob diversos pretextos. Soube então que havia um palácio devoluto na Praça de D. Pedro, e convenceu o porteiro, Francisco Peres, a alugar-lho por uma noite. Convidou uns quantos amigos para assistirem à boda. Um antigo livreiro da Rua do Ouro, Ludgero de Sousa, fez de padre; o aspirante do Exército, Botelho de Vasconcelos, assumiu o papel de padrinho, vestindo uma farda de capitão; um furriel seu amigo seria o sacristão; Florêncio Abril vestiu as roupagens de um pretense barão, proprietário do palacete; improvisou-se uma capela e o falso casamento realizou-se na noite de 31 de Dezembro de 1881, seguindo-se-lhe uma lauta ceia nos «Irmãos Unidos», que durou até pela manhã. Maria Eugénia julgava-se casada, e Luísa Francisca, que regressou depois a Viana, dizia a toda a gente que a filha casara com um cavalheiro que tinha galões, que ganhava quase uma libra por dia e era primo de um visconde! Mas começaram a surgir alguns problemas. Ludgero, a quem Soriano prometera 20 libras pelo desempenho na farsa, apenas recebera uma, e exigia o pagamento do que lhe era devido. De vez em quando aparecia em casa do casal ou enviava um moço de recados que transmitia os insistentes pedidos do fugaz actor. Havia quem garantisse que Maria Eugénia não fora ludibriada e tivera conhecimento de tudo, mas outros afirmavam que, pelo contrário, ela fora enganada e só começou a suspeitar da marosca quando reconheceu

no insistente credor o padre que oficiara a cerimónia, apesar das barbas e da roupa diferente. Nunca o sabermos com exactidão.

Soriano e a pretensa esposa foram morar para Abrantes, continuando ele a levar uma vida desregrada de estroina. Começaram a surgir atritos entre o casal, e Maria Eugénia abandonou Pedro Soriano, seguindo para a capital, mas ele foi logo no seu enalço e conseguiu convencê-la a regressar. Sol de pouca dura. Soriano estava cada vez mais convencido da infidelidade da mulher, contudo era necessário encontrar provas. Convenceu-se de que o amante de Maria Eugénia era o seu subordinado e impedido José Maria Gaspar das Neves, e espancou-o barbaramente num descampado perto de Torres Novas durante uma ceia com vários amigos, na madrugada de 28 de Fevereiro de 1885. A vítima sempre negou as acusações do seu chefe, e este acabou por lhe poupar a vida, dando-lhe uma camisa limpa para substituir a que ficara manchada de sangue e prometendo que tudo seria esquecido. Mas o caso tornou-se conhecido e foi explorado pelos numerosos inimigos do irrequieto funcionário alfandegário, que levaram o pobre ferido ao hospital e fizeram constar que Soriano o quisera assassinar, atribuindo o crime a contrabandistas que fugiam ao fisco. A imprensa tomou por verídica esta versão dos acontecimentos e divulgou-a imediatamente, assim como outras notícias que durante certo

tempo recebeu, indicando Soriano como autor de vários crimes que teriam ficado impunes!...

Maria Eugénia, que vivia em Lisboa em casa de uma prima, aproveitou a oportunidade para se vingar do antigo companheiro, acusando-o de a ter seduzido e ludibriado com um casamento simulado. Pedro Soriano foi suspenso das suas funções e um processo foi instaurado. Andou fugido, escondeu-se durante alguns dias num palheiro, mas acabou por ser detido por outro chefe da fiscalização, Jerónimo de Vasconcelos. Conduzido ao Limoeiro de Lisboa, foi submetido a diversos interrogatórios e depois libertado sob fiança, aguardando julgamento. O inveterado burguista estava na mó de baixo, apesar dos seus conhecimentos em todas as classes sociais. Maria Eugénia, que a opinião pública olhava como mártir, foi para o Porto e deu entrada no Recolhimento do Bom Pastor, mas por pouco tempo, acabando por revelar que estava longe da inocência com que a aureolavam.

A imprensa fulminava Soriano. Alberto Braga e o visconde de Benalcanfor atacaram-no violentamente nos jornais do Porto; o caricaturista Sebastião de Sousa Sanhudo retratava-o como um sátiro no periódico humorístico portuense *O Sorvete*, em 15 de Março de 1885!... Em 1886, era publicado o livrinho *O Casamento Simulado* – que reproduzimos – com abundantes informações sobre Pedro Soriano e as suas aventuras, além de uma fotografia de Maria Eugénia. Longe de assumir

a defesa da jovem, esta é condenada, logo nas primeiras linhas: «Ao apresentar o retrato de Maria Eugénia conjuntamente com a sua predilecta amiga de então, Leopoldina, vamos descrever os mais pronunciados traços fisionómicos daquela suposta mártir, em vista dos quais facilmente se compreende e conclui a devassidão de tal rapariga»...

Foi a 25 de Fevereiro de 1887 que se realizou o julgamento de Pedro Soriano e dos seus co-réus, Ludgero Júlio de Sousa, 51 anos, casado, caixeiro, que fez de padre, Godofredo Joaquim de Matos, 32 anos, solteiro, empregado no comércio, e Carlos Alexandre Botelho de Vasconcelos, alferes de cavalaria, que fizeram de padrinhos, além de Carlos António Bernabé, luveiro, que foi convidado. Nesta época, já tinha falecido Florêncio Abril, que fingira de proprietário da capela. Eram todos acusados da farsa do casamento simulado e Pedro Soriano de ter tentado assassinar o guarda da alfândega José Gaspar. Foi juiz do processo o conselheiro Firmino João Lopes; delegado, o Dr. Osório, e advogado de defesa de Soriano, Matos, Bernabé e Ludgero, o Dr. Lopes Vieira. O Dr. Vasconcelos defendia seu filho, o alferes. Os cúmplices de Pedro Soriano foram todos absolvidos, mas ele, atendendo ao tempo de prisão já sofrido e tendo sido demitido do seu emprego, foi condenado a dois anos de prisão maior celular, na alternativa de 36 meses de degredo em possessão da 1.^a classe. O advogado apelou

da sentença e o réu ficou em liberdade sob fiança, o que motivou mais tarde um processo levantado ao magistrado que a permitiu. Para evitar responder perante os tribunais superiores, Pedro Soriano fugiu para Espanha e depois para a América do Norte, de onde ainda escreveu uma carta para um jornal de Lisboa sobre os portugueses residentes na Califórnia.

Esta é a história resumida de Pedro Soriano, que ficou na história mais pelo atributo singular cantado por Junqueiro, do que pelas patifarias de que foi protagonista, as quais lhe mereceram a honra – ou a desonra – de ser incluído na Galeria de Criminosos Célebres Portugueses*.

António Ventura

* *Galeria de Criminosos Célebres. História da Criminologia Contemporânea*, Lisboa, Empresa do Almanaque Palhares, 1908, Volume VII, pp. 51-64. Esta publicação tinha como director científico António Aurélio da Costa Ferreira e como directores José Maria dos Santos Júnior (Santonillo), Rocha Martins e A. Morgado.

*Torre
de Babel
ou A Porra
do Soriano foi
impresso na Grá-
fica Manuel Barbosa
& Filhos, em papel Conal
Book de setenta gramas,
numa tiragem de 1500 exem-
plares, em Novembro de 2011.*



Colecção *Livros Licenciosos*:

- *Entre Lençóis — Episódios Inocentes para Educação e Recreio de Pessoas Casadoiras*, de Cândido de Figueiredo («Guilhermino»), seguido de *Proezas de Frade ou Mistérios do Confessionário*, de autor desconhecido.
- *O Pauzinho do Matrimónio — Almanaque Perpétuo*, de autor desconhecido, ilustrado por Rafael Bordalo Pinheiro.
- *O Vício em Lisboa — Antigo e Moderno*, de Fernando Schwalbach, seguido de *Regulamento Policial das Meretrizes e Casas Toleradas da Cidade de Lisboa em 1 de Dezembro de 1865*.
- *Aventuras Galantes*, colectânea de contos de «Rabelais» (pseud. de Alfredo Gallis).
- *Torre de Babel ou a Porra do Soriano*, de Guerra Junqueiro, seguido de *O Casamento Simulado*, de autor desconhecido.